

a revolta

PELA REORGANIZAÇÃO DA REPUBLICA

PELA LEGALIDADE CONTRA A TIRANIA

Se queres prestar um serviço á Republica, auxilia e faz circular "A Revolta". Se porém, tens medo, não lhe pegues sequer, pois de cobardes não reza a Historia.

"A Revolta" não é enviada a poltrões. Dessa qualidade de gente, não queremos para a nossa Causa.

A vós, republicanos, que anciosos esperais o advento da Liberdade e a reimplantação da República, a vós todos Portuguezes, que vos esforçais por salvar uma Pátria, queremos gritar bem alto: Os homens da Revolução de Fevereiro não morreram! Estão todos de pé, firmes, como na primeira hora. Se materialmente foram vencidos, vencedores ficaram porém moralmente. Tende, pois, confiança nêles. Norteados pela mesma Idea, animados pela mesma coragem e de olhos fitos na Liberdade e na Salvação da Pátria continuam a preparar a barricada. **VIVA A REPUBLICA!**

TRAIÇÃO!

Acusamos o governo de traição á Republica!

Como complemento do que dizemos na 8ª pagina, comunicamos ao povo republicano que numa reunião havida ha dias em Paris foi assinado um pacto entre D. Manuel e o príncipe D. Duarte Nuno, descendente directo de D. Miguel, pelo qual o primeiro desistiria das pretensões ao trono em favor do segundo, que, no entanto, até á sua maioria aceita a regência do primo.

Segundo informações fidedignas estiveram presentes nessa reunião, entre outros, D. Manuel, o representante de D. Duarte Nuno, Pinheiro Torres, Ayres d'Ornelas, e um representante de Sinel de Cordes, ministro das finanças, um dos traidores.

Este pacto era condição *sine qua non* imposta pelos integralistas para formarem frente unica - o que já fizeram - com os constitucionalistas, partidarios de D. Manuel, no golpe contra a Republica.

Povo republicano, quando acordas?!

Exercito republicano, ainda tens duvidas?!

LER NO PROXIMO NUMERO:

Uma entrevista com o Dr. Affonso Costa

Por não ter chegado a tempo, não se publica, neste numero, uma entrevista dada pelo sr. Dr. Afonso Costa, em Paris, a um dos nossos correspondentes. Será publicada no proximo numero.

Tambem no proximo numero publicaremos um estudo circuns-

tanciado do contracto dos tabacos; desse contracto que define um regimen e marca, com um ferrête, o homem que o negociou.

As colunas d' « A Revolta » estão á disposição dos emigrados, deportados e, duma maneira geral, de todas as vítimas da ditadura.

Cada republicano deve conseguir, pelo menos, quinze novos assinantes para « A Revolta ».

A NOSSA POSIÇÃO

E então de todos esses desgraçados paizes sacudidos violentamente desde a ditadura do proletariado a ditadura conservadora - isto é, duma violência a outra violência - todas as esperanças se voltam para as tres grandes nações (França, Inglaterra, Estados Unidos) as unicas que conservaram intacto o seu estatuto anterior á guerra.

(Les contradictions du monde moderne)

F. DELAISI.

Aparece « A Revolta » num dos momentos mais graves da vida da Republica e talvez o mais critico da Nacionalidade nos ultimos cem anos da nossa Historia.

Da nossa posição que ocupamos com toda a decisão e coragem, profunde a tudo para defera da Republica, declaramos guerra implacavel á ditadura que, divorciada da Nação, para ai se arrasta miseravelmente, fazendo resvalar para o abismo economico e financeiro, as ultimas esperanças do levantamento duma Patria!

De olhos fitos na Liberdade e iluminados pela fé na Victoria, que não vem longe, absolutamente fiets aos principios democraticos e constitucionais, desfaldamos a bandeira verde-rubra, a mesma, á sombra da qual, os homens de 5 de Outubro fizeram derruir um regime de crapula e de desonra, em 1910.

Queremos o regresso á Constituição. Queremos a Democracia. Queremos o Parlamentarismo. Mas queremos-os modificados, aperfeiçoados, renovados de forma que possam satisfazer ás enormes necessidades da hora presente, e tomem impossivel a repetição de governos ditatoriais os quais, a experiencia amargamente tem demonstrado, só têm contribuido para a ruina do Paiz e servido jesuiticamente as aspirações e intentonas monarchicas em Portugal.

Aqueles que ignorantemente atacam o regime parlamentar, acusando-o da dificuldade em conseguir a harmonia na orientação a seguir, lembramos-lhes que isso não é característica que tenhamos a lamentar, porquanto o choque das ideias, a lucta dos partidos e das concepções opostas é que foram sempre a sua propria essência e constituem a condição certa do progresso e do aperfeiçoamento.

Condenar um sistema de governo que já ultrapassa dois seculos de existência e que tem vindo sucessivamente a aperfeiçoar-se e a firmar-se e do qual são exemplos frisantes a Inglaterra, a França, e as republica da America, simplesmente porque entre nós êle tem permitido erros e abusos por parte dos seus elementos, é absolutamente inaceitavel por todo o espirito culto, inteligente e moderno que de boa fé proceda.

Condena-lo, para o substituir pela caricatura duma forma de governo instavel e que em parte alguma se apresenta como um regime definitivo, não.

O regime parlamentar democratico ao contrario da ditadura militarista assenta sobre uma ideologia propria, tem um fundamento racional e legitimo. São estas as condições *sine qua non*, para que um golpe de força se possa transformar num regime regular e proficuo.

Mas, defendendo á outrance a democracia, não deixamos, no entanto, de reconhecer que, a exemplo do que a ciencia e a pratica têm feito com as varias invenções - produtos formidaveis da imaginação do homem - temos igualmente de aperfeiçoar o seu funcionamento, e se o não fizermos, limpando-a dos abusos que se foram introduzindo nas suas engrenagens, inclusivamente exagerando - para que se tomem mais visiveis - os perigos,

que os vícios da nossa organização fazem correr ao Paiz, impossível será pedir-lhe o esforço supremo de renovação de que depende o levantamento material e moral da nossa Patria!

Que todos os bons republicanos tirem dos factos passados um ensinamento proveitoso e sacrifiquem nesta hora dolorosa e grave, os seus pontos de vista particulares ou partidarios, colaborando de alma e coração, com os melhores, no levantamento moral, economico e financeiro do Paiz, que chegou, por desventura nossa, ao maximo que poderá suportar!

Que sob juramento se dêem as mãos numa frente una e indivisível, até à completa realisação dessa obra grande e indispensável.

Que o mesmo espirito que animou os homens de 91 e deu fé aos de 1910 volte a pairar sobre nós. Que a mesma compreensão e bom senso que operou a remodelação da politica portugueza em 1910 e que mais tarde realistou e equilibrio financeiro — pela primeira vez depois de 1850; que tomou possível a nossa intervenção na guerra, pela Democracia e pela Liberdade contra a Força e Autocracia; que produziu a estabilisação do escudo à custa exclusivamente dos proprios recursos nacionais, sem emprestimos externos; que essa clarividencia e esse espirito de equilibrio e de intelligencia, voltem a iluminar os homens bons da Republica!

A Nação inteira está hoje amargamente convencida da obra nefasta e ruinosa da ditadura. O descontentamento produzido principalmente pela atitude do parlamento, nas suas ultimas sessões, que os monarchicos habilmente deturparam e vilmente especularam, para tornar possível a ditadura, está hoje transformado numa ancia de revolta contra os homens que abusivamente detêm o poder à custa de excessos de todas a especie, e numa acalentadora esperança da emancipação e liberdade.

Que um grupo de homens, bons republicanos, apresente ao Paiz um programa que contenha como bases: *a reforma constitucional, parlamentar e administrativa; o levantamento economico e financeiro; uma reforma de instrução sabida e justa; uma remodelação dos quadros da marinha e do exercito que torne eficiente o papel desses organismos de defeza nacional; a compressão real e efetiva das despesas publicas; a educação civica da mocidade das escolas; a revisão das leis cuja critica a experiencia tenha mostrado defeitos, um programa enfim, que promova a adaptação das instituições republicanas às necessidades da hora que passa.* Que aponte, dentre eles, o elenco dum governo que fale ao Povo a linguagem da verdade, educando-o nos seus direitos e deveres e que seja capaz de mostrar não com palavras, mas com actos, que o governo da Republica é, acima de tudo, o governo em favôr dos pequenos e dos humildes. E à volta dele, qual bola de neve, rolando desamparada pelo declive da montanha, se formará como por encanto, a avalanche imensa que fornecerá a força indomável que sobre a égide da Republica, realisarà a grande revolução que ficará sendo conhecida na nossa Historia pela da Renovação Nacional.

E uma nova era de Paz, de Liberdade e de Ressurgimento raiará então em Portugal!

O regimen da mentira

Novas instruções ultimamente dadas à Comissão de Censura à Imprensa.

(Por ocasião do movimeneto revolucionario de Fevereiro.)

Não se publicam:

Nomes de officiaes ou de praças que se tenham distinguido ou que se venham a distinguir por quaesquer atos de energia, para que não fiquem em destaque;

Declarações quaesquer que elas sejam de officiaes ou de outros individuos presos;

Declarações que enalteçam o valor individual ou colectivo dos revoltosos, sob quaquer ponto de vista;

Relatos que, mesmo ao de leve, possam ser desprimorosos para alguém das tropas fiéis;

Referencias ou alusões desprimorosas para a Guarda Nacional Republicana;

Relatos que possam pôr a nu os horrores e desgraças ocasionadas pelas tropas fiéis;

Relatos de algum ato de deslealdade praticado por alguns dos elementos das forças fiéis;

Nos casos omissoes seguir critério analogo ao que das anteriores instruções se deduz!

rio analogo ao que das anteriores instruções se deduz!

Informações de "A Revolta"

Entre as muitas comunicações que nos chegam, publicamos a seguinte a titulo de amostra:

Legação da Republica Portuguesa em França, Paris, 28 de Março de 1927. — Snr. Consul Por ordem de S. Ex. o Snr. Ministro dos Negocios Estrangeiros, informo V.S. que deve recusar o visto nos passaportes diplomaticos de que são portadores os Snrs. Antoni do Lago Cerqueira, Dr. Bernardino Machado e Dr. Afonso Costa Tambem deve recusar — o a quaesquer outros individuos que se achem fora de Portugal por estarem comprometidos ou portarem quaesquer ligações com o ultimo movimento revolucionario em Portugal. Sirva-se V. S. comunicar estas instruções aos vice-consules da sua circunscripção. Saude e Fraternidade (a) Armando Ochôa.

Subsidiar « A Revolta » e subscrever para o Fundo de Propaganda Contra a Ditadura equivale a trabalhar para o advento da Libertade.

LANÇANDO A SEMENTE

Sob a epigrafe « Aos mortos da Grande Guerra », publicaram os militares republicanos emigrados, combatentes da Grande Guerra, um manifesto, do qual extraimos os seguintes periodos:

« Sobre a nossa Patria enlutada e em trevas, nós continuaremos a velar. Todo o nosso trabalho será para lhe dar um melhor futuro, a nossa energia a guiará firmemente pelo caminho que ela deverá seguir, as nossas vidas estão prontas a responder pelas nossos intenções.

Neste momento da sua vida atribulada, todo o nosso esforço está polarizado por uma ideia politica, no mais nobre, mais depurado e mais patriótico sentido da palavra; essa ideia nos mantém entre todos os desgostos uma alma inquebrantavel, e com ela tornaremos dentro em breve a batalha, a ultima batalha, infelizmente necessaria, para garantir à Patria pela qual morrestes, o futuro de paz e de gloria que o vosso sacrificio lhe tornou possível.

Teremos de intensificar a nossa luta, desta vez mais dolorosa ainda, porque iremos derramar mais sangue portuguez; mas temos de vós o exemplo de todas as coragens, e do desprezo de todas as dores; e procuraremos elevar-nos assim a altura daqueles que, de olhos fitos na Patria não curam de nenhum interesse proprio, e desprezam todos os sofrimentos.

E depois continuaremos na brecha imperturbavelmente, em quanto tivermos vida.

Não para repetir estereis lutas internas; mas para, assegurada como condição primordial, a estabilidade e a depuração do regimen republicano, sob cuja bandeira combatestes, prosseguirmos na paz, com um impulso cada vez mais fecundo, na obra grandiosa pela qual sucumbistes na guerra.

Nós imitaremos o vosso grandioso exemplo e seguiremos os generosos ditames que dele se dependem:

Nunca mais em Portugal será atacada a causa que tão desasombradamente defendestes, nem deturpado o sentido da Republica, sub cuja clara égide combatestes; nem continuarão a incúria, relegados para um segundo plano, os primordiais, interesses da nação, para cuja boa solução vós destes quanto tinheis.

As gerações de amanhã nunca faltará a liberdade ainda que para tal tenhamos nós de sofrer os ferros das prisões: nem lhes faltará nunca o pão, embora tenhamos de regar com o nosso sangue os campos que o hão de produzir.

E, firmada, sobre estas bases a tranquillidade da nação, Portugal de novo abrirá aos ventos da mais pura gloria as asas dos seus aureos tempos, e, retomará entre as nações mais avançadas o

lugar que os nossos avós lhe tinham conquistado, e a que a vossa heroica abnegação lhe veu dar novos direitos.

Pelos herois mortos na Guerra Pela Republica dignificada Pela Patria engrandecida.

Do manifesto « Povo Republicano », publicado e distribuido pelos estudantes do Porto:

E tempo de virmos de novo dizer-vos, como em 31 de Janeiro passado, a chama da fé que nos abraza o peito de sinceros democratas. E a vós, àqueles aquem os defraudadores do thesouro publico apelidam de Bolchevistas, que testemunhamos nesta hora decisiva para os destinos da Republica, toda a nossa admiração, toda a nossa esperança na victoria da causa pela qual tam nobremente lutastes.

A Academia Republicana do Porto, enfileira de cabeça levantada e pensamento ativo ao lado d'aqueles que corajosamente se bateram nas trincheiras da Batalha, por uma Republica em toda a sua pureza dos seus principios e das suas leis.

Repelimos com enojado asco toda a solidariedade com aqueles que, esquecendo o respeito que devem à capa que envergam, não hesitaram em vender os seus ideais por uma borla até Lisboa, por um frete a um governo de força e de arbitrio.

Os campos estão bem estreitados. Emquanto que nós manifestamos publica e orgulhosamente a mais vehemente repulsa pela ditadura que nos avilta esses inconscientes ao mando de uma récuca de castrados que ridicula mas sinceramente se intitulam integralistas, iam levar à mesma ditadura, escoltados por um esquadrão da Guarda Republicana, e aos môrras à Maçonaria, o seu ódio imbecil contra a Democracia.

Povo Republicano! Podeis confiar em nós porque convosco estaremos sempre na defeza das liberdades conquistadas à custa dos maiores sacrificios. Os ditadores cumplices no cobarde assassínio do heroico combatente do C.E.P. Tenente-Coronel Americo Olavo, não recuarão diante de crime algum. Mas ai d'elles! Porque a nossa hora ha-de chegar, e com ela a libertação dum Povo que ha nove mezes já, se debate nas garras da tirania mais absoluta que a dos proprios reis absolutos.

Os militares que traíndo a confiança do exercito se alcandoram nas cadeiras do Poder poderão prender, deportar, assassinar, submeter a imprensa à mais infame das censuras. O que nunca poderão coartar-nos é o direito de clamar bem alto: **Viva a Liberdade. Viva a Constituição. Viva a Republica.**

Subscrevei a favôr das victimas da ditadura.

CARTA DE PARIS

UMA REUNIÃO HISTÓRICA

19 de abril de 1927.

Meu Caro Amigo,

Como te prometi ahi te enviei as ultimas noticias.

Reunimos aqui no dia 4 do corrente logo que tivemos conhecimento de que alguns republicanos, em Portugal, pretendiam entrar em negociações com os ditadores, sendo nessa assembleia unanimemente reprovadas taes combinações.

Hoje, tornámos a reunir a fim de dar conhecimento aos emigrados aqui recémchegados, desse mesmo assunto, tendo a assembleia resolvido ratificar a deliberação anterior, consignada nos seguintes termos:

« Os republicanos emigrados e refugiados em Paris por causa da ditadura, reuniram-se no dia 4 de abril, juntamente com o sr. Jaime de Moraes que representava todos os republicanos emigrados em Espanha, dos quaes recebera plenos poderes. E tomando conhecimento dos boatos que correm ácerca de uma aproximação ou entendimento entre o ministro da guerra e alguns republicanos que estão em Portugal, deliberaram, por unanimidade, o seguinte:

Que não aceitam nem reconhecem qualquer entendimento com o ministro da guerra ou outro ditador, quaesquer que sejam as razões ou pretextos que se invoquem para o negociar, preferindo que continuem todos os sofrimentos, seus e de suas famílias, e que seja ainda mais violentamente atacada a Republica pelos elementos reacionarios do governo ou de fóra do governo, a verem a Republica enxovalhada por esse vergonhoso entendimento e assim impossibilitada de se nobilitar e tornar eficiente nas condições de liberdade de acção que o bem da Patria imperiosamente exige. »

Inicialmente havia sido apresentada a seguinte moção que aliás reproduz o pensamento da anterior:

« Os emigrados em Paris repelem qualquer entendimento de republicanos com representantes da ditadura, o qual representaria uma abdicação de principios e a perda da esperança duma séria reforma nos costumes politicos e na administração publica, que imperiosamente todos os bons republicanos reclamam: preferem correr todos os riscos o smais graves a ver a ideia republicana despojada, por aquele entendimento, do prestigio e autoridade moral que é a sua razão de ser.

a) Alvaro de Castro.

Esta era destinada a substituir a redacção da moção primitiva. Porem o seu autor, resolveu retirá-la em virtude da inconveniencia de parecer pôr de parte a anterior, o que poderia deixar a impressão de que se havia mudado de criterio.

Seguidamente o sr. Aquilino Ribeiro apresentou e defendeu a seguinte moção:

« Os emigrados portuguezes residentes em Paris, fieis aos principios constitucionais, protestando a sua fé na Republica e aproveitando o ensejo para manifestar a sua reprobção por toda a obra governamental posterior ao 28 de maio, deliberam manter-se alheios a acordos ou entendimentos a fechar ou fechados entre republicanos e os homens da ditadura.

a) Aquilino Ribeiro. »

Esta moção depois de terem falado os srs. Alvaro Pope, Aquilino Ribeiro, Americo Buisel, Prestes Salgueiro, Faria Leal, Filémon de Almeida, Filipe Mendes, Alvaro de Castro, Oliveira Guerreiro e Affonso Costa, foi regeitada, tendo prevalecido a primeira.

Foram mandadas para a meza as seguintes declarações de voto:

1) *Aprovamos os principios consignados na moção de 4 de abril, mas preferimos a formula hoje apresentada pelo Dr. Alvaro de Castro.*

aa) Antonio Sergio, Felipe Mendes, Renato Boaventura, Ayres Torres, Oliveira Pio.

2) *Declaro que não votei a moção que repudia todo e qualquer entendimento com quem quer que seja da actual situação politica em Portugal, com o objectivo do regresso á normalidade constitucional, por não me sentir suficientemente elucidado quanto ás circunstancias que fizeram pensar nele a alguns republicanos.*

a) Prestes Salgueiro.

Como não puderam assistir à reunião, mandaram a sua adesão aos principios consignados na moção primitiva, es Srs. Costa Pereira, José Carlos e Pires de Carvalho.

Logo que haja mais alguma coisa importante, comunicar-to-hei.

A. L.

Heroica e nobre gente, salvé!!

Aes deportados que se encontram nas Ilhas e possessões de Africa, a expiar o crime de serem portuguezes e republicanos « A Revolta » envia as suas mais comovidas e calorosas saudações. Sabemos que todas as torturas se vão quebrar contra a longanimidade das suas almas; que todas as afrontas sofrem de animo alevantado em pról da Patria e da Republica; que não ha provação que lhes abata a fé indomavel no nosso Ideal. É o essól da raça que foi banido, sem resguardos nem aquelas atenções usadas até com os penitenciaris, para alivio dos martirisados e para desagravo de Portugal.

Mercê da sua rija tempera, da flama que os anima, saberão vencer o temeroso passo. E o dia ha-de chegar em que sejam restituídos á terra, de que tão bem mereceram e ás famílias de que tão iniquamente foram apartados.

Gamaradas, coração ao alto: A aurora da libertação ha-de raiar para alivio dos martirisados e pra deagravo de Portugal.

Heroica e nobre gente, SALVÉ!!

A REVOLUÇÃO

Ninguém se assuste, de entrada, com o titulo d'este artigo; ninguém, ao lê-lo, visionie um iluminado a lançar bombas: veja um médico muito sereno, cheio de estudo, de reflexão e de sensatez, á cabeceira de um doente grave. É que o único remédio, para a doença funda de que sofre o País, é a verdadeira Revolução, a *Revolução Construtiva*: a transformação, queremos dizer, da estrutura parasitária da sociedade portuguesa — numa organização humana, justiceira, progressiva, do ser social. Revolução, é acabar com a arraigada ignorância, infundindo cultura á nossa grei; é abrir brecha profunda no sistema das oligarquias, realizando a democratização do nosso crédito, promovendo no povo a instrução lénica, e a accessão do pobre á propriedade; é dar combate a miséria pública, fomentando o progresso da agricultura, e aproveitando a água dos nossos rios para regar terras que nos dêem pão, para fornecer á industria energia eléctrica: é salvar a raça que vai morrendo, e que chegou a extremos inconcebíveis de miséria e de abjecção; emfim, é educar o povo na autonomia e no dominio de si mesmo, criando no país as condições de uma civilização espirital.

É a revolução da intelligência: a dos abnegados; a dos sinceros; a da bondade, a da sensatez. Tudo em Portugal está velho e pôdre; tudo atrazado, mesquinho e débil; em tudo nos governa gente dura, sem generosidade de sentimento e sem largueza intellectual; em tudo, emfim, se necessita da Revolução.

Por mim, dou graças por vezes á ditadura, que provocou o aparecimento da nossa LIGA REPUBLICANA, a qual, rompendo com os erros da politica velha, vendo mais nítido e renovado o ideal da democracia, se propõe hoje realisar a verdadeira obra revolucionária. Essa obra não se fez ainda. Depois do 5 de Outubro, (ou porque se não pusera o problema nos termos concretos e essenciais, ou por outras razões quaesquer, que não cabe agora dilucidar) a Republica foi inva-

dida, empeçonhada, paralizada, pelos vícios históricos da sociedade; por outro lado, não se atendeu, ao organizar o Parlamento, á diferença de educação (para não falar em muitas outras) entre o povo britânico e o portuguez; e o resultado viu-se, e estamos vendo. Dos desleixos de um parlamentarismo imprudentemente improvisado — saltámos para os crimes de uma ditadura: da anarquia mansa de uma democracia falsa — para a orgia furiosa e depredadora de um absolutismo sem rei. A febre, que vinha lenta, tornou-se delirio e alucinação.

Reconheçamo-lo, porém: o erro, não foi local, ou só local. Por um acidente histórico lamentável, o desenvolvimento e difusão das ideias do liberalismo — clássicas e racionalistas — coincidiu com a aparecimento e difusão das ideias românticas de Rousseau, com a doutrina falsa e anarquidóra da bondade natural do homem. Operou-se assim a ligação absurda de duas doutrinas que se contradizem, de duas tendências que são opostas: e esperou-se, por isso, que uma boa organização da democracia se poderia obter espontaneamente, pela simples relaxação dos antigos laços sociais, como mero produto da expansão das nossas forças instintivas. A primeira, a essencial revolução a realizar, é a dissociação das duas ideias, reconduzindo a Democracia á pureza e ao rigor das suas disciplinas racionais. Hoje, vemos bem que a Democracia só pode ser o resultado de um grande esforço sobre nós próprios, de uma muito forte disciplina interna, de uma faina dura e aturada de sistematização intellectual.

Vous m'appelez la loi, je suis la liberté, escreveu Vigny; e Proudhon: « a Revolução, afinal, consiste na elucidação das ideias. » Haja um grupo de portuguezes, sufficientemente numeroso, que se submeta á lei da liberdade, e que tenha elucidado as suas ideias — e estará feita a Revolução. Existe esse grupo? Hoje — creio que sim.

ANTONIO SERGIO.

PERIGO BOLCHEVISTA

Após a revolução liberal e republicana de Fevereiro, tomou vulto em Portugal o alarido do chamado perigo bolchevista. Já anteriormente, e com fins eleitorais, sobretudo durante o último período eleitoral, o labéu de bolchevista foi lançado sobre muitos republicanos, vindo, afinal, a ferir todos com igual injustiça. Essa injustiça torna-se mais flagrante indo atingir, como vai, e como qualquer observador menos desatento facilmente verifica, precisamente os melhores e mais inteligentes elementos de ordem da sociedade portuguesa. E esses são os que querem estabelecer em Portugal, à custa embora dos maiores sacrifícios, uma República digna do nome, isto é, um regimen político democrático, tendo como base a liberdade de pensamento e da sua expressão, e como objectivo um bem-estar social estável, que é a melhor garantia de ordem. Evidentemente, o objectivo referido não pode ser alcançado sem a liberdade de pensar e discutir, e por isso a reclamamos, a exigimos, como condição indispensável de vida da Nação.

E que, para afastarmos o perigo bolchevista, que quer dizer a ameaça d'uma convulsão social grave na nossa Terra, e que existe depois da Dittadura, e gerado sobretudo por ela, torna-se urgente a realização duma obra inteligente de justiça social, que bloque o nosso País ao lado das nações civilizadas, grandes e pequenas, do resto da Europa.

Nas velhas e grandes Democracias do mundo — e nações pequenas são grandes Democracias — o perigo bolchevista não existe. Algumas admiráveis Democracias, instaladas em paizes bem mais pequenos e com menos riquezas naturais do que o nosso, o demonstram exuberantemente, apesar de geográfica-mente confinarem com a Rússia, onde estalou essa convulsão social apavorante, provocada por um regimen secular de opressão.

De entre esses paizes, seja-nos permitido especializar a Dinamarca, pois que mais de perto tivemos occasião de a observar, e da nossa observação demos conta em devido tempo aos nossos concidadãos. Dissemos então como esse país tinha resolvido os seus problemas sociais, identicos aos nossos, da instrução popular, da assistência à criança, à mulher, ao doente, ao velho, comparando com o quasi nada que se tem feito em Portugal.

Motivo de desasosiego, de desordem, com que queremos acabar na nossa Pátria. Dissemos e escrevemos em 1925: « A República é um regime político tão amplo que dentro d'elle têm cabido as ambições mais reaccionárias e dentro d'elle cabem as aspirações mais progressivas. Tra-

balhemos para que a República seja uma verdadeira Democracia, e evitaremos a repetição de experiências reaccionárias de sangrenta memória, evitando ao mesmo tempo o cataclismo social conhecido pelo nome de bolchevismo, que de outro modo será inevitável. »

São demasiadamente humildes a boca e a pena que pronunciou e escreveu estas palavras, e por isso, certamente não foram tidas em conta.

Estamos a braços, novamente, com as ambições mais reaccionárias e repete-se a experiência já bem sangrenta, mais sangrenta ainda que as anteriores; surge com grave aspecto a questão social, provocada, ecloída, por governantes de caserna, incompetentes, maus e caluniadores.

A estes, sim aos homens da

Dittadura, acusamo-los de serem inconscientemente talvez, os provocadores do perigo bolchevista. Aos portugueses, bons e inteligentes amigos da nossa Pátria, nos oferecemos para, juntos todos, evitarmos um cataclismo social, trabalhando para que a República seja, enfim, uma verdadeira Democracia!

Para isso, escorracemos primeiro os ditadores, e juremos todos abandonar para sempre os malabarismos politicos, falhos de nobresa, lançandonos depois numa obra de organização republicana, que seja a garantia de um período de Ordem e trabalho no nosso Portugal!

E não lamentamos o sofrimento, a dor, que na hora actual experimentamos porque sentim-nos purificar, e vemos renascer, vigorosa e ardente, a fé nos destinos da nossa Pátria...

Paris, 15 de abril de 1927.

Gumercindo Soares

Como as calunias dos Carmonas, dos Passos e Sousas, dos Cordes e dos Esteves foram recebidas no Extrangeiro

Sem mais comentarios transcrevemos o seguinte de « L'Europe Nouvelle » de 19 de fevereiro ultimo (pag. 232) sob a epigrafe « Vainqueurs et Vaicuis ».

« Em Portugal os revolucionarios que estão no poder desde os golpes de Estado de maio e julho ultimo de 1926 triunfaram agora dos revolucionarios que os queriam substituir. Se estes ultimos tivessem ganho a revolução, teriam hoje todas as especies de meritos e virtudes; mas como perderam não são — segundo os telegramas dos enviados especiais chegados a Lisboa, depois da batalha — mais do que a escumalha, a ralé, um bando de aventureiros e comunistas. Assim é uso em todos os paizes depois das crises de regimen; quanto mais acesa é a luta, tanto mais emporcalhada é a derrota para os insurretos, para os quais a victoria é sempre a unica lixivia que os pode lavar.

Para quem vê as coisas de mais longe, é muito raro que os vencedores estejam todos limpos ou os vencidos todos manchados. Reproduzamos pois, por espirito de equidade a lista dos ministros « republicanos » que foi afixada no Porto e os nomes dos homens que deviam substituir, em caso de victoria, o ditador Carmona e os seus colaboradores. O presidente do Conselho era o sr. Alvaro de Castro, chefe da acção republicana, sendo as outras pastas divididas pelos senhores Jaime de Moraes, antigo Governador Geral da India Portuguesa Afonso Costa, chefe do partido democratico e antigo Presidente da Assembleia de Genebra, o general Norton de Matos, antigo ministro da guerra e ministro plenipotenciario em Londres, Jaime Cortezão, director da Bibliotheca de Lisboa Tamagnini Barboza, chefe do partido nacionalista, general Souza Dias, doutor Matos Cid, medico afamado, capitão de fragata Calbo Socrato. Salvo as devidas proporções estas pes-

soas são « aventureiros » e « comunistas » do genero dos srs. Poincaré, Herriot, Raoul Pére, general Nollet, coronel Picot, professor Aulard e todos eles teriam preferido, sem duvida, o boletim de voto a espingarda se lhes fosse dada a escolha das armas. »

Nota. — Firemos a tradução á letra, conservando mesmo os erros de informação que o leitor facilmente corrigirá.

Conseguir novos assinantes para « A Revolta » é cooperar, activa e corajosamente, no ataque contra a dittadura.

Uma conversa historica

O general Carmona recebe um jornalista que está ancioso por saber a attitude do governo em face das declarações dos directores ácerca do emprestimo externo.

Jornalista. — E Vx.^a permite que os jornaes publiquem as declarações dos directorios entregues nas legações?

General Carmona. — Por enquanto não. Só quando vier a noticia da realização do emprestimo. Então sim, serão publicadas as declarações, ao lado do decreto autorisando o emprestimo, para mostrar aos directorios o que vale a sua acção e a do governo.

Decorreram tempos e as declarações dos directorios foram publicadas sem que o emprestimo se tivesse feito. É que efetivamente as patrióticas declarações dos directorios produziram os seus legitimos efeitos. Os ingleses foram a Lisboa sómente comunicar ao governo que não poderiam já tratar do emprestimo. Acharam que esta forma era mais correcta do que mandar um simples officio.

Levantando a mascara

O capacho

O senhor Melo Barreto, desgraçadamente nosso embaixador ali na vizinha Espanha, informou o governo português de que tinha acrescentado alguns nomes de exilados na lista que este lhe enviára, por ter conhecimento da sua existencia em territorio espanhol, tomando essa iniciativa por estar certo que era esse o desejo do governo português.

Sempre servical!!

Ora o sr. Melo Barreto que tanto gostou sempre de dobrar a espinha, como é pena que tenha errado a vocação pois daria um belo « limpia-botas »...

O grande escandalo

O decreto dos tabacos foi redigido pelo Dr. Martins de Carvalho, monarchico, antigo ministro da monarchia e advogado da Companhia dos Tabacos. Ora pois...

E' absolutamente certo que nas vespas do decreto ser publicado, frequentou com assiduidade o gabinete do ministro das finanças o coronel D. José de Serpa que pertence ao grupo The Match and Tobacco Timber Supply, em que está integrada a Companhia dos Tabacos.

Para que seria? Sempre gostaríamos de saber.

A moral dâtes...

O orgão integralista a « Ideia Nacional » não ataca o decreto dos tabacos, porque o Sinel vae colocar na Caixa Geral dos Depositos o sr. Dr. Affonso Lucas que é um dos maiores daquele grupo...

A caridade bem compreendida...

Os officiaes da policia, na reforma que estão elaborando, elevam os seus ordenados quasi ao dôbro.

Pois então?! Se calhar isso tambem estava no programa do 28 de maio.

A moralidade dos homens da dittadura

Os ministros da Republica nunca tiveram ajudas de custo. Pois agora, provavelmente por que isso fazia tambem parte do programa do 28 de maio, os ministros da dittadura passam a perceber ajudas de custo quando se encontram fóra de capital!!

Ora ahí está explicado porque eles andam agora sempre em viatjas... E sempre é agradável de vez em quando, ir até junto da familia, em nome dos sagrados interesses da... Patria.

E aqui está como o desgraçado Carmona viu quanto era insignificante o seu poder em face dos directorios que representavam a opinião do Paiz.

A SITUAÇÃO FINANCEIRA e o programa do 28 de maio por ALVARO DE CASTRO

O governo da dictadura, de incompetentes e inconscientes, realisou, em materia financeira, o programa do 28 de maio. Vejamos :

a) augmentou prodigiosamente as despesas publicas, atingindo ja 500 mil contos o acrescimo de despeza em relação ao orçamento que o governo encontrou em 28 de maio.

O deficit não deve ser, pois, inferior a 800 mil contos, isto é, setecentos e tal mil contos mais que a quantia a que a politica dos partidos tinha reduzido o deficit que a guerra e principalmente a politica dezembrista creara ;

b) gastou no regabofe e batusque militar todas as disponibilidades do thesouro em escudos e os 3 milhões de libras depositados na casa Barings Brothers e que a prudencia dos partidos reunira e cuja possibilidade de realisação nascera com a politica do governo Alvaro de Castro ;

c) alargou ilegalmente a circulação fiduciaria em muitos milhares de contos.

Todos estes factos, que constituem o melhor do programa do 28 de maio, estão creando um mal estar profundo e vão produzindo na economia do paiz modificações invisiveis que dentro de pouco tempo se revelarão em factos muito graves-taes como, o agravamento do cambio, o encarceramento da vida, etc...

Ja actualmente o governo não tendo cambias para fornecer aos importadores, por que as absorveu no batusque governamental, procura evitar a subida do preço da libra cheque não autorisando o fornecimento de cambias. Este processo só demora a revelação d'um mal que é fatal em virtude dos erros e até crimes praticados.

No fim do mez de março o governo não tinha dinheiro para pagar os vencimentos ao funcionalismo civil e militar e recorreu a tudo para o obter. Depois de uma serie de vergonhosas humilhações, conseguiu que um banco inglez lhe fizesse um suprimento de um milhão e meio de libras. Mas para isso o banco *inglez exigiu a garantia da casa Fonseca Santos e Vianna e o aval do Banco de Portugal!!!*

E o Sinel, miseravel e sordido, a todas estas baixezas levou o Estado portuguez a rir e a folgar com a sua inconsciencia de corrupto e a sua moral de galeriano.

Daquelle milhão e meio, meio milhão ja estava gasto ao tempo do emprestimo e o milhão restante depressa se exgotará pois que os cofres do estado oferecem-se escancarados aos vorazes appetites dos homens da situação.

rapidas, como o governo em materia financeira já cumpriu o programma do 28 de maio.

Alvaro de Castro.

P.S. — As pessoas que extranharem os termos que se applicam ao Sinel devemos salientar que Sinel é hoje o mais perfeito exemplar de corrupção e de viniaga. Para o atestar ahi está o contracto dos tabacos, que em todas as suas disposições denuncia desonestidade do homein.

A. G.

ASSISTENCIA E PROPAGANDA REPUBLICANA

« A Revolta » dirige a todos os que, nesta hora dolorosa, têm tido a alta compreensão do seu dever, contribuindo, na medida do possível, com o seu auxilio monetario, a favor da assistencia e do fundo de propaganda, as suas melhores saudações.

A NEFASTA DITADURA

3 milhoes de libras já foram devorados, diz AFONSO COSTA

« La Fronde » *explendido jornal parisiense publicava, no seu numero de 11 de fevereiro ultimo, uma longa entrevista com o sr. Dr. Affonso Costa, antigo presidente do Ministerio, do qual traduzimos os seguintes periodos :*

Referindo-se á obra financeira da ditadura, o illustre estadista, diz : « A administração tem sido nefasta para o Paiz. Um deposito de tres milhões de libras que tinhamos em Londres, foi completamente devorado. A liquidação da nossa divida com a Gran-Bretanha, efetuou-se sob bases desastrosas e moralmente humilhantes. onge de obtermos o tratamento de nação mais favorecida, encontramos-nos constrangidos a pagar uma percentagem dupla daquella que foi, por exemplo, acordada com a Italia. »

Sobre politica geral : « O governo que tomará conta, amanhã, do poder, compôr-se-ha de representantes de todos os partidos republicanos, escolhidos entre os mais competentes e que sacrificarão as suas doutrinas particulares para colaborar em intimo acordo no levantamento economico da Patria. »

No final da entrevista, dá, a traços largos o programa d'acção seguinte :

« Prosseguir a reconstrução financeira por uma politica de severas economias, a unica capaz de levantar a moeda nacional ; fazer face a todos os compromissos da nação portuguesa, quer no interior quer no exte-

SOB A TIRANIA

Manoel José da Silva

Dentre as vitimas da tórpe ditadura, ha que pôr na lista de honra o fogoso parlamentar Manoel José da Silva. Quando toda a imprensa se humilhava, rastejando ante os usurpadores, Manoel José da Silva dava-lhes combate no seu jornal ; quando todos dobravam a cerviz, ele erguia-se arrogante num daqueles seus tão belos e ardidos desassombros. Contra ele foram exercidas todas as vilanias dum poder propotente e desvairado.

Prenderam-no, desterraram-no, fecharam-lhe o jornal. Onde pára agora o indomavel republicano ? Onde esteja, aceite o testemunho da nossa simpatia e da mais segura e veemente solidariedade.

Todo o verdadeiro republicano amante da liberdade, tem a dever de fazer circular o mais largamente possível o presente jornal !!

tal assembleia, teria tido o seu discurso, em francês, do qual traduzimos algumas passagens :

« A verdadeira vontade dos portugueses não pode neste momento, manifestar-se, nem mesmo no dominio da vida internacional, a qual estamos, contudo, estreitamente ligados. Encontra-se instalada no nosso Paiz, uma ditadura militar que é, como todas as outras ditaduras, um obstaculo ou uma ameaça, não so para os direitos fundamentais do homem e do cidadão, mas tambem — e is o que interessa aqui — para a manutenção da paz geral.

Bastará dizer-vos, no que diz respeito às relações internacionais, que a ditadura portuguesa, está exagerando enormemente as despesas com o exercito e a marinha, aumentando assim, desmedidamente, o desequilibrio do orçamento. E não contente com isso, a ditadura insiste na sua pretensão de contractar em Londres um emprestimo de 12 milhões de libras (do qual não poderemos nunca pagar o juro e a amortisação) com o fito de aplicar a maior parte desta soma, à aquisição em Inglaterra, de peças, munições, tanks, aviões de bombardeamento e navios de guerra. »

E mais adiante :

« Ninguem pode explicar sufficientemente o desejo, da ditadura portuguesa, de armar o Paiz como para uma guerra ofensiva próxima. Penso com inquietação, no que se pode passar em outros paizes, de regimen ditatorial, cujos governos são naturalmente susceptiveis de se solidarisem, pela propria necessidade de se manterem... Não quero insistir, pois não quero que se julgue, que estou aqui para formular uma queixa sobre o que se passa, aliás transitoriamente, no meu infeliz Paiz. O que vos devo, o que devo aos pacifistas do mundo inteiro, é a declaração solene sobre a atitude dos republicanos portugueses, em face do espirito ditatorial, no que ele pode ter de repercussão internacional.

Em nome dos republicanos portugueses, fieis à Constituição, e baseando-me na nota publicada e dirigida aos representantes das diferentes nações, pelos directórios dos partidos constitucionais, afirmo, que Portugal, paiz de regimen parlamentar, desde ha um seculo, não reconhecerá, aconteça o que acontecer, o emprestimo que a ditadura quer contractar, sem legitimidade para o fazer. Assim a causa da paz será ainda mais uma vez, servida pelo meu Paiz, que não ratificará um emprestimo ilegal, destinado principalmente ao armamento, se bem que, sob o regimen constitucional e apezar da Grande Guerra, Portugal, tenha sempre pago e continuará a pagar integralmente todas as suas dividas legitimamente contraidas. isto é, com autorisação do Parlamento. »

rior ; dedicar se ao estudo de importantes reformas economicas ; manter sobretudo, a potencia colonial do Paiz, onde deu outrora, sobejas provas das suas aptidões colonizadoras, o que equivale a demonstrar, que o Paiz não suportaria expoliações no seu dominio colonial. O que é nosso, continuará nosso, diz o antigo presidente do Ministerio. »

E para terminar, o sr. Dr. Affonso Costa, brilhante ornamento do professorado universitario, diz : « O analfabetismo tem que acabar, por completo, em todo o Paiz. O nosso esforço, neste sentido, intensificar-se-ha o mais cedo possível. Não pode haver uma democracia duradoira onde a ignorancia continue a existir. »

Tambem no ultimo « banquete da Paz » para comemorar o espirito de Locarno, realisado no 1 de março p.p. e ao qual assistiram mais de 200 pessoas da mais alta categoria social e politica, estando representadas mais de vinte coletividades francesas e estrangeiras e presentes os representantes dos Comitês de Paz de Inglaterra, de Alemanha, de Italia, da Espanha, de Suissa, etc., o sr. dr. Affonso Costa, se pronunciou sobre a ditadura dos Carmonas em Portugal.

Presidiu ao banquete o sr. Paul Boncour, tendo à sua direita o emnente professor Ch. Richet, uma das maiores glorias de França e à esquerda o sr. dr. Affonso Costa. E interessante este facto pois assim o leitor poderá avaliar a importancia, que no meio de

A REVOLUÇÃO DE FEVEREIRO DESFAZENDO INFAMIAS

A revolução de fevereiro não foi uma revolução vulgar. Teve grandeza ; teve elevação. Animava-a a fé no ressurgimento duma Patria ; norteava-a a ideia generosa e nobre da Liberdade que deu moral inquebrantavel, e coragem, que foi temeridade, aos seus lutadores. Sabia o que queria e havia de impôr. O ideal democratico era o seu guia. O seu programa, era de renovação e de progresso. Se considerarmos o movimento de 91 como o toque de unir para as hostes republicanas, a revolução de 1910 será o assalto da trincheira ; agora, era porém, o ataque decisivo, depois do ataque frustrado de 1919, em Monsanto. O inimigo assim o entendeu e por isso á audacia e galhardia, contrapôz o odio e a desesperação.

No campo das doutrinas, o inimigo não podendo atacá-la, derramou, sobre ela toda a sua peçonha vil, deturpando cobardemente os seus alevantados propositos, insultando-a caluniosamente de ter sido feita com dinheiro de Moscou !!!

Estamos certos, que ninguem inteligente pode acreditá-lo, pois que os homens que altivamente se revoltaram em fevereiro, contra esse regimen de tirania e de puro arbitrio, que está, com a sua incompetência e venalidade, a fazer afundar uma Patria, são, pelas ideias e pelos principios que sempre têm defendido, soberbamente conhecidos como tudo o que ha de mais anti-bolchevista.

Mas, porque em toda a parte e em todos os tempos, houve sempre gente simples e incauta que não sabe reconhecer a mentira, mesmo quando ela é vil e ras teira, queremos repudiár tais infamias, categorica e formalmente.

O espantallo do bolchevismo foi agitado e posto a correr por aquêles, que de má fé, queriam tirar dessa infâmia, efeitos de politica tôrpe, contra um movimento, cuja beleza moral é evidente e os incomoda.

Essa invenção é tão pérfida, tão artificiosa, possui um tal espirito maquiavélico, que é necessario insistir na sua explicação. Para uns, ela serviu e serve ainda para desviar a opinião publica, e mascarar o movimento realista que na sombra prepararam. Para outros, ella é o elemento de convicção para amedrontar os espiritos mais timoratos e crear ambiente desfavoravel á revolução da *Ordem* e da *Reorganisação da Republica*, que

eles pressentem, não está longe, para os castigar inexoravelmente da sua traição e, reduzilos ás devidas proporções.

Se o repúdio formal não basta, recordemos que a cidade de Lisboa, esteve em poder dos revoltosos, durante duas noites e tres dias, sem que qualquer ato de latrocínio ou vandalismo se tivesse dado.

Quem assina estas linhas percorreu toda a area occupada pelos revoltosos desde o Rato ao Arsenal e pode garantir, sobre sua honra, que nunca teve de intervir, para evitar, qualquer ato menos digno, durante a revolução ; pode acrescentar mais : muitos estabelecimentos comerciais conservaram livremente abertas as suas portas durante os dias da revolução. Este facto bem demonstra a confiança que, nos intuitos dos revolucionarios, depositavam os habitantes da propria zona sublevada. Tudo era respeitado escrupulosamente, e até o tabaco, distribuido aos soldados, foi pago pelos officiaes. A simpatia pelos revolucionarios era tal que muitos habitantes da cidade, naquela zona, vinham convidar os mais modestos soldados e marinheiros, a participar das suas refeições. Um ministro, um ex-ministro e varios officiaes presos, foram tratados com o respeito e generosidade que impunham as circunstancias em que se encontravam.

E não nos venham para cá falar nessa outra infâmia atribuida a alguns dos elementos revolucionarios, do desfloramento de *uma pura donzela...*

Um jornal francês que aí mandou um dos seus redatores, até faz rir e responde, por nós, a quanto de venenosa tem essa tal deturpação. Diz elle :

« Un homme qui a violé une fille du Bairro Alto a été fusillé près de la caserne de Campoulide. »

Ora os que conhecem a lingua francesa, sabem bem que *fille*, significa, nem mais nem menos que uma meretriz e... do Bairro Alto. Emfim, os taes atos de bolchevismo foram de pura e malévola invenção. No estrangeiro ninguem os acreditou. Alguma imprensa, serviu-se até disso, para se referir ironicamente ao governo. « *Le Journal* » que, como todos sabem, tem estado a defender as ditaduras, pois até nesse periodico o redator que foi mandado aí para fazer a reportagem, por paga, dos aconteci-

mentos, e aproveitálos para fazer propaganda fascista, teve que confessar que não tinha havido caso algum de bolchevismo em Portugal. A bandeira bolchevista do Arsenal, outra mentira !! Havia lá uma bandeira azul escura. Era a bandeira de « *chamar reboques* ». Um elemento do proprio corpo diplomatico acreditado no paiz, podemos garantir, mandou dizer ao seu governo, que o « bolchevismo em Portugal era pura blague ».

Bolchevismo, vandalismo, praticaram os governamentais, fusilando e metralhando nas ruas e praças de Lisboa, a população indefeza que era surpreendida, de vez em quando, por *camionetes fantasmás*, que após o seu belo feito, logo tornavam a desaparecer !!

Bolchevismo, vandalismo, fizeram os governamentais, atacando com granadas incendiarias e bombas de avião as cidades do Porto e de Lisboa !!

Bolchevismo nas consciencias praticou o governo, procurando fazer acreditar, a principio, que a morte de Americo Olavo tinha sido cometida par elementos revolucionarios, quando muito bem sabia, ella tinha sido efectivada por tropas de seu comando !!!

Bolchevismo, fizeram-no alguns officiaes governamentais, chegando a atacar os proprios pais, como inimigos. Bolchevismo, fizeram as tropas governamentais saraivando a mess do Porto, aonde tinham as suas esposas e os seus filhos, na ancia feroz e desesperada de espalhar o terrôr e fazer revoltar contra os sitiados, a população da cidade que horas depois, com uma coragem que a honra, recebia hostilmente os barbaros !

Altruismo : praticaram os revoltosos, protegendo com o seu peito toda essa gente, na travessia da mess para a cave do Teatro de São João, onde se acolheram.

Cometem a infâmia de chamar bolchevista ao movimento para que possam desculpar aos olhos do publico, a sua sanha destruidora, e a sua deslealdade pelo proprio governo confessadas nas instruções dadas á comissão de censura « *não se publicam : relatos que possam pôr a nú os horrores e desgraças ocasionados pelas tropas fieis e relatos de algum acto de deslealdade praticado por algum dos elementos das forças fieis (sic) !!!* »

Alguns conservadores mais medrosos, deram ouvidos á taecalunia e só por essa razão se

tranquilisaram com a vitoria do governo, esquecendo porém, que é precisamente o aparecimento do bolchevismo, o que o governo pode, perigosa e levemente provocar, com a opressão e a tirania que está a pôr em pratica. (*Os presos deportados passaram fome e sede !*)

O exemplo da Russia não vae longe. Ali, todos sabem, foi o odio e a revolta acumulados por longos anos contra o regimen absoluto dos tzares, regimen militarista e despótico das direitas, que fez com que se passasse, por um salto terrivel, ao extremo oposto da anarquia. E ao mais violento despotismo, á mais violenta repressão da Ockrana, dessa policia odienta que matava em nome do tzar, correspondeu a mais barbara e extremista das reacções. E o homem, besta féra, empurrado para o campo da violencia, pela cegueira da vingança e da revolta, instituiu a Tcheka, seita mais cruel, mais deshumana ainda, pois mata por estrangulamento !!!

Que volvam os olhos para este quadro horrivel, esses conservadores, se é que persistem na sua perigosa ilusão !

Não é a opressão e a violencia, que farão recuar o bolchevismo, antes, esse regimen do arbitrio, é a centelha que o poderá fazer explodir !!

O riverismo da Espanha, o fascismo da Italia, o pangalismo da Grecia, e as tentativas de Horthy em Buda-Pest, de Stambouliski em Sofia, de Bratiano na Romania, caricaturas mais ou menos grosseiras duma unica forma — a tirania — enfim, numa palavra, as ditaduras em geral, quer sejam da direita ou da extrema esquerda, foram, em todos os tempos, a causa proxima das reacções mais terriveis ; e na epoca actual são ellas ainda as responsaveis pelo paroxismo que agita e abrasa o Velho Mundo.

Concluindo : bolchevismo é precisamente o que nós, homens da Legalidade e da Ordem queremos evitar, deitando abaixo essa ditadura miseravel e funesta para substituíla por um regimen de democracia moderna, um regimen de Liberdade e Equidade que estabeleça inteligentemente, e emquanto é tempo, o equilibrio das forças — as classes — desse grande sistema que é uma Nação.

Paris, 19 de abril de 1927.

AMERICO BUISEL.
ten. de artilharia,
emigrado politico

O 28 DE MAIO

Promessas e realidades

Quando, ha cerca de um ano, uma parte do Exercito resolveu intervir, directamente, na vida do Estado, afirmou-se que essa intervenção era, exclusivamente, ditada pelo mais ardente patriotismo e, no dizer do novos redentores da Patria, tinha como unico objetivo libertar o Paiz das garras dos *maus politicos* que, pela sua ação, impediam todo o progresso nacional.

Ia, emfim, estabelecer-se um governo apolitico, composto de tecnicos competentes, a que seria entregue a resolução dos graves problemas da administração publica que, segundo se afirmava, os *maus politicos*, pela sua estreiteza mental, profunda ignorancia e comprovada deshonestidade, se tinham mostrado incompetentes de solucionar.

Foi este, em síntese, o programa com que se apresentaram ao Povo os homens do 28 de maio que, solenemente, prometeram embainhar as suas espadas logo que o governo estivesse em mãos experientes e honestas.

Por de traz d'esta fachada politica e de mistura com alguns sinceros republicanos albergou — se uma multidão de ambiciosos e de corrutos de todas as proveniencias e de todos os matizes, desde a extrema direita monarchica á extrema esquerda comunista, tendo cada um o seu ponto de vista particular, alguns, até, odiando-se entre si, mas todos combatendo, lado a lado, pela realização dos seus appetites, ou pela satisfação dos seus odios.

Não tardou, porem, muito tempo que o povo republicano começasse a reconhecer que uma grande parte dos revolucionarios não tinha em mira os apregoados altos interesses nacionaes, mas, tão somente, as mesquinhas e inconfessaveis ambições de cada *clan*.

Constatou-se que os monarchicos trataram, desde logo, de encaminhar a agua para o seu moinho e tomando, para isso, d'assalto, todas as posições que lhes facilitassem a realização dos seus objetivos e atuando por meio de *comités* secretos para manobram os ministros como pobres *marionnettes* de feira, conseguiram, em poucos mezes, apossar-se, quasi integralmente, do Estado.

Por incompetentes e, oh ironia! por não merecerem confiança as instituições, foram afastados muitos republicanos dos lugares que por direito exerciam e substituidos, sistematicamente, por monarchicos confessos, mas da maior confiança d'esta Republica.

Se, porem, sob o ponto de vista da estabilidade do regimen, as consequencias da revolução

de 28 de maio devem ter constituído uma amarga desilusão para os republicanos que n'ela, ingenuamente, colaboraram, vejamos qual tem sido a sua repercussão na situação financeira do Estado e na vida economica do Paiz.

Alguns milhões de libras que os *maus politicos* contitucionaes tinham conseguido acumular no tesouro publico para servirem de maça de manobra que protegesse a nossa divisa cambial contra uma possivel ofensiva de quaesquer especuladores, esses preciosos milhões, sumiram-se até ao ultimo *shilling* na voragem que tem sido a administração publica n'estes dez mezes de ditadura.

Como facilmente se prova com o Diario do Governo na mão, só as despesas resultantes das medidas decretadas de 28 de maio até ao fim do ano de 1926 trazem um aumento anual de encargos para o Estado superior a 500 mil contos.

Para satisfazer certas quadri-lhas d'olho vivo e por decretos que tanto podem ser filhos de uma profunda incompetencia aliada a uma rematada loucura, como podem ser originados em cambalachos ou negociatas escuras, foram extintos alguns impostos que constituíam importantes receitas do Estado e que se não pode dizer que fossem injustos ou imoraes, visto que muitos paizes, modelarmente administrados, os têm em vigor.

A magna questão dos tabacos, que os arautos e empreiteiros da revolução reclamavam fosse resolvida no sentido da liberdade de industria e de venda, aparece nos solucionada em termos que mais não são do que a continuação do monopolio, mas em muito peiores condições para o Estado do que as anteriores, que já eram pessimas.

A pretexto de auxilios e subsídios a empresas e companhias e sem que um alto interesse nacional o justificasse, tem se arrancado do tezouro publico fabulosas quantias para, d'este modo, contemplar amigos e afilhados.

Para fazer face a tantos esbanjamentos, a tantos verdadeiros latrocinios, eram, evidentemente, insuficientes as reservas e as disponibilidades do tezouro que os *maus politicos*, orientados por um alto espirito de reconstituição nacional e á custa de grandes sacrificios, tinham conseguido amealhar nos cofres publicos e que lá deixaram em 28 de maio.

Portanto, para se arranjamem os indispensaveis fundos, vae-se alargando colossalmente a nossa divida flutuante, recorre-se a manigancias e operações de te-

zouraria, pretende-se alargar o emprestimo interno de 6,5 % (ouro) de 1923 (contra o qual, então, os politicos da atual situação tanto protestaram) e, finalmente, para *clou* de toda esta gigantesca obra ditatorial, empregam-se os maiores, os mais desesperados esforços para conseguir um emprestimo externo de alguns milhões de libras que permita aos ditadores continuarem com este regabofe financeiro durante mais alguns mezes, ainda que para isso seja necessario empenhar até á camisa o povo portuguez.

Taes são, a traços largos, alguns dos marcos miliarios da ditadura no campo financeiro.

Mas terá ela, ao menos, realiado alguma coisa d'util para a Nação em qualquer outro terreno?

Sim, decretou uma nova organização da força armada pela qual fomos dotados de um belo exercito com muitos regimentos, muitos batalhões e muitas baterias... no papel, o que, se não aumentou de um canhão ou de uma carabina a força do antigo exercito, leve a grande vantagem de ser um ótimo pretexto para muitas promoções que já se fizeram e para muitas outras que mais tarde se farão.

O delicado e instante problema da instrução encontrou, finalmente, uma solução lapidar. Não pelo aumento do numero das escolas, ou pelo melhor apetrechamento das existentes, nem, ainda, pela modernização ou barateamento do ensino, mas, sim, pelo acrescimo de regalias e de vencimentos conferidos a certos e privilegiados funcionarios dependentes do ministerio da instrução.

A viação ordinaria continua a ser cada vez mais difficil, pois a ditadura, dispondo de todos os poderes, ainda não achou oportuno dedicar um momento de atenção ao grave e premente problema da reparação e conclusão da nossa rede de estradas.

Mas, se tal desleixo é imperdoavel em gente que dispõe de tanto poder, devemos reconhecer que, por outro lado, a ação ditatorial, pelo que respeita as comunicações acelaradas, é de inexcusavel perfeição.

Pois não vae o paiz gosar dos beneficios de um quasi monopolio dos caminhos de ferro com que a maõ generosa da ditadura o presenteou, entregando as linhas ferreas do Estado (que estavam a ser explorada das com lucro) a uma companhia particular que, n'um rasgo de patriotismo e de desinteresse, chega a aceitar um inventario do material, por tal forma valorizado, que, segundo ouço dizer, n'ele figuram algumas locomotivas pelo *exageradissimo* preço de um automovel Ford!

Pelo que respeita á justica, o vinco ahi deixado pela ditadura perdurará, indelevelmente, no espirito agradecido da Nação,

pois o *golpe* do ditador foi profundo e genial.

A justica é hoje, como todos o sabem, mais imparcial, mais rapida e mais barata do que nos execraveis tempos do constitucionalismo republicano e se muitas das medidas decretadas por este departamento do Estado favoreceram, inegavelmente, os interesses materiaes do ditador e dos seus amigos, isso não passa, na realidade, de uma ligeira sombra, até necessaria, para dar mais relevo e mais realce ao conjunto da grandiosa obra ditatorial.

Seria longo e fastidioso continuarmos aqui com mais largas e pormenorizadas referencias a *honestidade* e *inteligente* administração da ditadura, pois os beneficios de toda a ordem que ela proporcionou ao Paiz e o *altruismo*, *abnegação* e *desinteresse* dos seus homens são por tal forma conhecidos que nos dispensam d'essa tarefa.

Mas se a finalidade do 28 de maio se alcançou tão rapida e cabalmente e se está provado que a ditadura é incapaz de nos fornecer estadistas de inteligencia mais clara e de mãos mais limpas do que as d'aqueles que têm ocupado o Poder apoiados na sua força, porque é que o Exercito não recolhe aos quartéis, confinando-se dentro da sua exclusiva missão e deixando governar-se por si propria a Patria reconhecida que, confrangida, assiste ao enorme *sacrifício* que elle está fazendo?

Repondo a verdade

A celebre bandeira do Arsenal

O governo da « Carmonolândia » lançou sobre os homens do 3 de fevereiro as maiores infamias. A maior parte d'elas foram tão mal engendradas que toda a gente de boa fé e com dois dedos de testa facilmente as reconheceu como um processo vil e desleal de combate. Outras porem chegaram a fazer carreira. Iremo-las desmentindo a pouco e pouco. Dentre estas, equela com que mais se tem especulado miseravelmente é a da celebre « bandeira negra » do Arsenal!!

Ora o caso é simples.

No dia da eclosão do movimento em Lisboa, foi içada por volta das 11 horas, no Arsenal, a bandeira vermelha como sinal, de sempre, da revolta. Mais tarde como se fizesse sentir a falta dos vapores que costumam fazer o serviço do Arsenal, foi içada a bandeira do *código*, de cor azul escura, que è o sinal de chamar reboques.

E aqui tendes como, pouco depois os « governamentais e os seus apaniguados » faziam referir as campainhas dos telefones comunicando que estava implantada a « republica dos soviets » no Arsenal!!!

POVO REPUBLICANO, ALERTA!

De combinação com elementos do governo, prepara-se nas alfurjas monarquicas, o salto sobre a Republica.

Falhou ha dias o primeiro golpe mas não desarmaram.

Hoje, mais do que nunca, o Povo Republicano tem de estar a postos, pois devemos confessar que a Republica atravessa um dos momentos mais graves da sua vida por estarem emigrados ou deportados a maior parte dos elementos mais combativos do exercito republicano.

A historia vae repetir-se.

Eis onde nos levou a ditadura dos Carmonas, dos Passos e Souzas, dos Cordes e dos Esteves a quem não tardará muito, a Republica pedirá contas severamente!!!

NO PROXIMO NUMERO « A REVOLTA » DEMONSTRARA :

1. Que ha elementos no governo que, de combinação com os integralistas, pretendem, à traição, implantar a monarchia absolutista em Portugal.

2. Que o movimento de 28 de maio iniciado em Braga por elementos republicanos e tornado possivel pelo descontentamento que então lavrava no Exercito e no Paiz, por alguns erros e abusos cometidos por maus republicanos e pela forma como decorriam as ultimas sessões parlamentares foi empalmado, ao aproximar-se de Lisboa, e convertido subrepticamente num movimento monarchico integralista, que já vinha planeado de ha muito.

3. Que se os monarchicos não deram em 28 de maio o golpe na Republica, como então pretendiam, foi porque uma grande parte de elementos militares republicanos se apercebeu do seu « jogo », embora habilmente mascarado e o contrariaram denodadamente e portanto :

Que a Republica corre um perigo enorme, porque a « coisa » está a ser feita com muito jesuitismo e porque entre os officiaes republicanos ha alguns, de republicanismo pouco vibrante e de pouca combatividade, que ainda não se aperceberam.

Que se o povo e o verdadeiro exercito republicano, não estiverem alerta, resistindo mesmo contra certas substituições de comandos e outros logares de direcção e predominio, a implantação da monarchia pode vir assim, traiçoeiramente, apanhá-los de surpresa.

Anarquia nas consciencias

A desorientação moral, no nosso país, chegou ao máximo. Os homens não se limitam aos maiores absurdos, no pensamento e na acção. Veem pensá-los em publico, como coisas naturalissimas. O sr. Marques Guedes, numa entrevista à cidade, disse o seguinte:

« *Preferi o exito do 28 de maio à victoria do governo a que pertencia Para que lhe serviria ela? Que alterosa onda de odios mal contínuos, iria crescer, avolumar-se e subverter-nos?* »

E ainda ha amadores de coisas inacreditaveis que querem ver almas do outro mundo ! Como se uma alma do outro mundo não fcsse coisa muito menos de espan-tar do que aquelas declarações do sr. Marques Guedes !

Vejam V. as Ex. este fenomeno :

Um homem faz parte de um governo. Sabe (como toda à gente) que se prepara uma revolta contra esse governo. Entende que os conspiradores devem vencer, e acha que o ministerio a que pertence provoca justos odios mal contidos. Pois que faz êle ? Sai do governo ? Não. Continua no ministerio, de bico calado. Vê em que param as modas. Espera que os conjurados vençam : primeiro, a seu governo ; mais tarde, uma revolução contra eles. E depois... depois...

Depois proclama em publico que è assim mesmo ! !

Suponhamos que o sr. Marques Guedes tinha cumprido o seu dever, se desejavà a vitori dos conjurados, isto è : que se tinha retirado do ministerio e declarado pelos militares. Pois bem : hoje, deveria ter mudado de opinião e estar contra a ditadura. Porque agora já a experiencia foi feita, para todo o homem de consciencia : a ditadura, com efeito, suprimiu a liberdade de pensamento, e administrou muitissimo peor do que o governo do sr. Marques Guedes. Mas as coisas são o que são, e o sr. Marques Guedes è o que è.

Aos loucos furiosos que governam em Portugal, e agitam o fantasma do sovietismo, respondemos assim :

Quem faz sovietismo são os senhores. Em primeiro lugar, o regime que estabeleceram è de sovietes de alferes e de tenentes, em vez de camponeses e soldados ; mas sovietes. Em segundo, as suas revoltantissimas tiranias è que provocam as furias que podem trazer outros sovietes, contrarios aos dos senhores. A politica faz-se com tacto, inteligencia, abnegação, justiça : não se faz a coice. A violencia provoca a violencia e depois... Fascismo, rive-rismo... è questão de tempo. Esperem-lhe pela pancada. Quem com ferro mata, com ferro morre. Re-

conhecemos que até là alguns comerão à tripa fõrra, poderão receber e fazer favores, è empochar luvas pelos tabacos...

NOTA OFICIOSA

Comunicam-nos da Presidencia da Republica o seguinte :

O sr. General Carmona, que tem a secretaria da presidencia no Parlamento, não se utiliza da W. C. ali existente, por não querer atravessar sósinho os corredores dos Passos Perdidos, com receio de algum atentado principalmente por parte dos empregados das obras que se estão realizando na-quele edificio publico.

Mandou fazer um movel de madeira para satisfazer as suas necessidades, o qual mandou colocar num quarto contiguo à secretaria. Como os continuos do Parlamento se recusassem a fazer os despejos, alegando que não tinham obrigação de fazer esse servico, a Presidencia contractou uma mulher para esse fim a qual ganha cem escudos por mês.

Os principios do 28 de Maio

O tenente coronel Pestana de Vasconcellos foi nomeado (em nome dos principios sovieticos que inspiram a situação) para fiscal do governo junto do Diario de Noticias. Até aqui está bem como violencia e o mais.

Passado pouco tempo o Pestana exige do Diario de Noticias o pagamento de 3 contos por mez na sua qualidade de fiscal do governo ! ! Admiravel, como forma nova de roubo, não è verdade, caro leitor ? Pois como o Diario de Noticias se recusasse vae um officio do Ministerio do Interior determinando ao jornal que envie para o M. do Interior os 3 contos para serem entregues ao Pestana. E foram entregues, pois *comi* è ?

Ultima hora

Acabamos de receber uma carta do Porto e outra do sr. Adalberto Chaves, funcionario do « Minho e Douro » as quais por absoluta falta de tempo e de espaço nos è impossivel referir largamente, neste numero, como merecem.

Ditadura assassina !

A MORTE DE AMERICO OLAVO

Acusamos o governo de cumplicidade no assassinato do major Americo Olavo, pelo tenente Henrique Guilherme Bastos Horta.

Porque não se publica « na integra » (sem folha alguma escamoteada) o relatorio do inquerito que o governo foi constringido a mandar proceder, em virtude da repulsa que tal assassinato produziu na opinião publica ? !

Ajudar a viver « A Revolta » è contribuir para o esmagamento da ditadura e para a reimplantação da Republica em Portugal.

Quadro de Honra

Figuras da revolução de Fevereiro

Agatão Lança, heroico combatente no Rato, a quem Jaime de Moraes, o chefe de inteligencia clara e de coragem firme, classificou de Bayard moderno, viou para alguém em Lisboa um postal, cujo conteudo transcreve-mos.

Bordo do Lourenço Marques, navegando, 9-3-927.

Preso, vilipendiado, e deportado para Angola, mas inabalavel nos principios republicanos e nos preceitos da honra...

Eis a rija tèmpera de que são os homens da Revolução de fevereiro ! !

À CONSCIENCIA DA NAÇÃO

Comun'cam-nos de Angola que os deportados politicos *passaram fome e sede*, tendo alguns dèles ficado na Guiné porque o seu estado de fraqueza, não lhes permitia seguir via gem !

O tenente-coronel Tavares de Carvalho que foi deportado no vapõr Lourenço Marques, durante a viagem teve necessidade de ser operado por se ter agravado a doenca que já cã tinha. O medico de bordo foi de opinião que êle desembarcasse no primeiro porto para aquele fim. O capitão de bandeira, porém, mandou que seguísse ao seu destino por mais melindrosa que fosse o seu estado ! ! !

A consciéncia da Nação que julgue.